A ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA MARGINAL – O DIÁRIO DO LADRÃO E O POETA GENET

Clara Versiani dos Anjos Prado

RESUMO

O artigo sintetiza a exposição em mesa redonda do II Simpósio de Letras da Universidade Metropolitana de Santos - "Marginal-marginais" sobre a vida e obra de Jean Genet (1910-1986), a partir do "Diário de um Ladrão" - expressão de uma ética ou "estética da existência" marginal .

Palavras-chave: Genet. Estética. Marginal.

AESTHETICS OF MARGINAL EXISTENCE - THE DIARY OF THE THIEF AND THE POET GENET

Clara Versiani dos Anjos Prado

ABSTRACT

The article summarizes the exposure Roundtable Symposium II Letters of the Metropolitan University of Santos - "Marginal-marginal" about the life and work of Jean Genet (1910-1986), from "Diary of a Thief" - expression an ethical or "aesthetics of existence" marginal.

Keywords: Genet. Aesthetics. Marginal.

Introdução

Escritor, poeta e dramaturgo francês, Genet é considerado uma das principais vozes da "estética" dita marginal do século XX. Neste artigo reflete-se a respeito da arte marginal de Jean Genet (1910-1986), a partir de uma de suas obras mais conhecidas o "Diário de um Ladrão"[1].

No entanto, diferentemente de outros autores que também são expressão dessa mesma estética, Genet teve, de fato, durante boa parte de sua vida uma existência marginal. Filho de pai desconhecido,viveu num orfanato estatal até os sete anos de idade, depois num lar adotivo. Aos dez anos cometeu o seu primeiro roubo. Durante a adolescência foi internado

[1]GENET Jean. **Diário de um ladrão**. Tradução: Jacqueline Laurence; Roberto Lacerda. Rio de Janeiro: Rio Gráfica, 1986 (Grandes Sucessos da Literatura Internacional) .

numa colônia penitenciária. Depois, alistou-se na legião estrangeira aos vinte e um anos, servindo na África do Norte e Oriente Próximo. Por volta de 1932, tornou-se um desertor, vagando pela Europa até 1940 .

Retornou a Paris e passou a viver de pequenos crimes, inclusive roubo de livros, tendo sido preso várias vezes. A respeito da intenção ou de uma das acusações de roubo de livros, Genet escreveu:

> Nunca antes eu teria pensado que livros poderiam justificar um assalto. Não roubamos aqueles livros mas foi isso que me deu a idéia de frequentar as livrarias. Inventei uma pasta de fundo falso e me tornei tão habilidoso nesses roubos que me dava ao luxo de sempre executá-los sob as vistas do livreiro.[2]

Neste período, Genet passou a escrever livros que, considerados pornográficos em razão da temática homosexual, eram distribuídos clandestinamente. Tais livros , assim como seu autor, caíram no gosto de artistas e intelectuais franceses como Jean Cocteau e Sartre. Com o apoio deles Genet foi introduzido na cena literária.

A aproximação artística foi também ideológica e política[3]. Genet filiou-se à esquerda, posição que ao longo de sua vida seria cada vez mais radical. As posições cada vez mais extremadas levaram-no ao distanciamento do grupo que o "lançou". Doente , errante e sozinho, em 1986, "ceifa o próprio fôlego", suicidando-se.[4]

A partir desta breve biografia pode-se notar que a vida do ladrão levou ao nascimento do escritor. Vivendo ainda como mendigo, vagando pela Europa, é pela escrita em sua própria língua e como ladrão que Genet tentou se descobrir e se afirmar, "nascer" mais como marginal do que como francês, estrangeiro em seu próprio lugar.

> Acho que precisava cavar, perfurar uma massa de linguagem em que o meu pensamento estivesse à vontade. É possível que eu quisesse me acusar em minha língua.(…) No estrangeiro eu só teria sido um ladrão mais ou menos

---

[2] *Id. ibid.* , p. 99

[3] Segundo o historiador Tony Judt , "durante um período de praticamente 12 anos após a libertação da França, em 1944, uma geração de intelectuais, escritores e artistas franceses foi dragada pelo vórtice do comunismo."(p.11.) Os temas do discurso intelectual francês identificados por Judt no período são: "a atração pela violência, o desinteresse pela moralidade como uma categoria de comportamento público," (p. 19)dentre outros. Percebe-se então algumas das razões que atraíram a atenção para Genet de parte da intelectualidade francesa. Ver JUDT, Tony. **Passado imperfeito –** um olhar critico sobre a intelectualidade francesa no pós-guerra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

[4]Segundo Genet o primeiro verso que se lembra de ter criado foi: *moissoneur des souffles coupés* – ceifeiro dos fôlegos cortados (*Op. cit.* , 1986, p. 46.)

> habilidoso, mas, pensando a meu respeito em francês, eu me teria conhecido como francês – (…)- em terra de estrangeiros. Ladrão em meu país, para que me tornasse isso e me justificasse de sê-lo utilizando a língua dos roubados – (…)-, era a essa qualidade de ladrão dar a oportunidade de ser única. Eu me tornava estrangeiro.[5]

GENET

O "nascimento" de Genet como escritor é também o do poeta:"(…) pois me recuso a viver com outro fim que não seja aquele mesmo que eu acreditava conter a primeira infelicidade: que a minha vida deve ser lenda, isto é, legível, e sua leitura dar vida a uma nova emoção que chamo poesia. Sou apenas um pretexto."[6]

Tanto o surgimento do escritor, do poeta, assim como do ladrão foi resultado de escolhas conscientes e defendidas por Genet, o que nos permite perceber sua obra, mais especificamente o "Diário de um Ladrão", como expressão de uma ética ou de uma "estética da existência marginal".

> Neste diário não quero dissimular as outras razões que fizeram de mim um ladrão, a mais simples sendo a necessidade de comer; todavia, em minha escolha jamais entraram a revolta, a amargura, a raiva ou qualquer sentimento desse tipo. Com um cuidado maníaco "um cuidado ciumento", preparei a minha aventura como se arruma uma cama, um quarto para o amor: eu tive tesão pelo crime.[7]

A existência marginal de Genet resultou de uma escolha livre, como devem ser as escolhas "morais" que derivam da autonomia e plena consciência do sujeito, o avesso da simples obediência.

Interessante notar aqui que um dos grandes dilemas inaugurados pela modernidade e do seu modelo de bem e felicidade é o fato de que a realização do sujeito depende tanto do exercício da autonomia e da liberdade, para que ele exista como indivíduo, como , ao mesmo tempo , da sua obediência a regras, ritmos e procedimentos para alcance da realização material, da riqueza, a outra face da "felicidade". Genet recusa a existência ditada pelo ritmo, pela obediência, pelo padrão. É definitivamente um transgressor e, por isso, abraça somente a liberdade. Mesmo na ordem

---

5 GENET, Jean. *Op. Cit.* , 1986, p. 108.

6 *Id. ibid.*, p. 13.

7 *Id. ibid.,* p. 11.

ditada pela narrativa Genet busca os elementos e as virtudes da "transgressão".

> O diário que estou escrevendo não é apenas um descanso literário. À medida que vou progredindo, ordenando o que a minha vida passada me propõe, à medida que aumenta minha obstinação no rigor da composição - dos capítulos , das frases, do próprio livro -, sinto que vai se fortalecendo a minha vontade de utilizar, para fins virtuosos, as misérias de outrora. Experimento o poder de fazê-lo.(…) Não constitui uma busca do tempo passado, mas uma obra de arte cuja matéria-pretexto é a minha vida de outrora. Há de ser um presente fixado com a ajuda do passado, não o inverso. (…) o que procurei principalmente foi ser a consciência do roubo cujo poema escrevo, isto é: recusando enumerar as minhas façanhas, mostro o que lhes devo na ordem moral, o que a partir deles construo, (…) 'Uma grande vaidade'." [8]

Além da "vaidade", antes da modernidade considerada apenas um vício e nela "reabilitada"[9], há outras virtudes na miséria destacadas por Genet. O avesso da "dignidade que o trabalho traz" , o orgulho que nasce da ostentação da miséria.

> A cultura das feridas, pelos mendigos, para eles é também o meio de ter um pouco de dinheiro - para viver -, mas se foram levados a isso por uma fraqueza na miséria, o orgulho que é preciso para sustentar-se fora do desprezo é uma virtude viril: como uma rocha a um rio, o orgulho fura e divide o desprezo, arrebata-o. (…) Tornar-me-ei, pois, cada vez mais ignóbil, cada vez mais um objeto de nojo, até o ponto final que ainda não sei o que é, mas que deve ser comandado por uma busca estética tanto quanto moral.(…) A miséria nos erigia.[10]

Da mesma forma que a miséria é apresentada como uma maneira de "erigir o caráter " , o roubo surge em Genet como um rito que, no seu desfecho, permite o gozo absoluto, a suprema realização .

> A caminhada na ponta dos pés, o silêncio, a invisibilidade de que precisamos mesmo em plena luz do dia, as mãos que tateiam, organizando na sombra gestos de uma complicação, de uma precaução insólita _(….)- (descobrindo ouro parece-me que o desenterrei: escavei continentes, ilhas oceânicas; os negros me cercam, com suas lanças envenenadas ameaçam meu corpo indefeso, sob a ação da virtude do ouro, um grande vigor me derruba ou me exalta, as lanças se abaixam, os negros me reconhecem e sou da tribo)_(…) [11]

---

[8] *Id. ibid.,* pp 59; 68; 89-90.

[9] Vaidade, egoísmo e ambição passam a ser compreendidos na modernidade, em Maquiavel e em Adam Smith por exemplo, como parte da condição humana. Nem vícios nem virtudes, partes integrantes de nossa humanidade. "Forças titânicas", paixões que, junto com a razão, determinam nossas escolhas podendo produzir resultados terríveis, mas também a beleza e o progresso.

[10] *Op. Cit*., pp 25-26.

[11] *Id. ibid.,* p. 28..

Virando o "mundo de ponta cabeça", construindo uma outra forma de existir que nega o trabalho, a obediência aos horários, a sexualidade reprimida, o "direito de propriedade", evidenciando as "virtudes" da transgressão e o seu bem maior a liberdade, Genet propõe uma outra "ética", uma outra "estética" que nasce não da vontade de espelhar a harmonia, mas do desejo, das paixões, do "imundo", das trevas. Uma existência não só à margem, às avessas.

A ênfase na sua absoluta liberdade para negar toda e qualquer moral é mais um aspecto que permite compreender o entusiasmo da esquerda francesa no pós-guerra pela obra de Genet.[12] Há aqui então um aparente contra-senso, o autor "marginal" acaba incluído no "mainstream" da intelectualidade francesa com sua larga influência. Mas isso não chega a comprometer a sua "estética da existência".

Enquanto a partir de 1975 as posições existencialistas e comunistas perdem fôlego na França, Genet aprofunda seus ideais contrários à opressão aproximando-se de grupos radicais como os Panteras Negras , Organização para Libertação da Palestina dentre outros, assumindo posições anti-semitas.[13] No fim e ao cabo, Genet "apartou-se" do mundo em seus próprios termos.

> O assassinato não é o meio mais eficaz de ir ao encontro do mundo subterrâneo da abjeção(…) Outros crimes são mais aviltantes: o roubo, a mendicância, a traição, o abuso de confiança etc. são estes os que escolhi cometer, ao passo que sempre permaneci habitado pela idéia de um crime que, irremediavelemnte, me separaria do mundo de vocês.[14]

Ao contrário do que se pode definir como "literatura marginal" em outros períodos, ou seja, a produção literária à margem, na fronteira, porque não aceita, não respeitada pelos grupos socialmente influentes, a obra marginal de Genet não é resultado de uma exclusão imposta, ou uma reação

[12] Dentre os existencialistas, Sartre, filósofo francês, enfatiza a importância das escolhas individuais, negando ou resistindo à influência do poder das outras pessoas na determinação de nossas escolhas, ou na coerção dos nossos desejos. (MAUTNER, Thomas (Ed.) . **Dictionary of Philosophy.** London: Penguin Books, 1997.)

[13] KIKOO. Biographie de Jean Genet. **Magazine Culture**, 23/02/2008. Disponível em: http://www.paperblog.fr/551333/biographie-de-jean-genet/. Acesso em: 22/01/13.

[14] GENET, Jean**.** *Op. Cit* p. 101.

a uma não aceitação, expressão dos oprimidos. É expressão de liberdade levada a extremos, fundadora de um modelo de existência, de uma estética.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GENET Jean. **Diário de um ladrão**. Tradução: Jacqueline Laurence; Roberto Lacerda. Rio de Janeiro: Rio Gráfica,1986.

JUDT, Tony. Passado imperfeito – um olhar crítico sobre a intelectualidade francesa no pós-guerra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

KIKOO. Biographie de Jean Genet. Magazine Culture, 23/02/2008. Disponível em: http://www.paperblog.fr/551333/biographie-de-jean-genet/. Acesso em: 22/01/13.